

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
PDE

EDENA JOSELITA BACCIN

**Modelo Didático de Gênero e Sequência Didática:
Gênero Textual Autobiografia**

Dois Vizinhos - Dezembro/2008

EDENA JOSELITA BACCIN

Modelo Didático de Gênero e Sequência Didática: Gênero Textual Autobiografia

Produção Didático-Pedagógica constituída na forma de Unidade Didática, apresentada como um dos requisitos do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional 2008/2009, ofertado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em parceria com a Secretaria de Tecnologia e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes (UNIOESTE – Cascavel/PR)

SUMÁRIO

1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.....	01
2	TÍTULO.....	01
3	APRESENTAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA.....	01
4	SEQÜENCIA DIDÁTICA - GÊNERO TEXTUAL AUTOBIOGRAFIA	08
5	BIBLIOGRAFIA.....	22
6	ANEXO 01.....	24
7	ANEXO 02.....	26

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: UNIDADE DIDÁTICA

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professora PDE: Área: Língua Portuguesa

NRE: Dois Vizinhos

Professora Orientadora IES: Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes

IES vinculada: UNIOESTE – Cascavel

Escola de Implementação: Colégio Estadual Monteiro Lobato

Público objeto da intervenção: 5ª Série – Ensino Fundamental

2 TÍTULO: MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA: GÊNERO TEXTUAL AUTOBIOGRAFIA

3 APRESENTAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

O trabalho a ser desenvolvido nessa unidade didática estará pautado na teoria da enunciação e dos gêneros discursivos (Bakhtin, ano) e dos gêneros textuais (Bronckart, 2003)¹. A intenção dessa análise é a de contribuir, no sentido de lançarmos vários olhares para o texto, compreendendo-o quanto a sua situação de produção, quanto a sua função social, quanto ao seu gênero e quanto às marcas lingüísticas que o constituem.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), nesse sentido, dizem que o trabalho com os gêneros possibilita a produção de um projeto didático-metodológico de ensino que considera os obstáculos típicos da aprendizagem e as novas etapas pelas quais os alunos possam passar, o que fornecerá, aos professores, orientações de como e o que trabalhar de acordo com restrições, níveis e situações concretas de ensino. Por isso, adotar os gêneros como instrumento para o trabalho com a linguagem na escola, torna-se importante.

¹ Para fins didáticos, adotaremos, a partir daqui, a nomenclatura GÊNERO TEXTUAL sempre que referir-me aos gêneros. Porém, trata-se apenas de uma opção terminológica, o que não significa, portanto, estamos desconsiderando a teoria bakhtiniana.

Essa relação proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly sustenta-se no modelo didático de gênero (MDG) a ser ensinado, isto é, por um objeto descritivo e operacional, elaborado para apreender o fenômeno complexo da aprendizagem de um gênero.

Para um trabalho com a língua, pautado num gênero textual, os autores argumentam que se deve considerar três aspectos: os conhecimentos existentes sobre gêneros textuais, as capacidades observadas dos aprendizes, e os objetivos de ensino que se pretende atingir. Nesse sentido, as Seqüências Didáticas (SD) compreendem tal perspectiva de trabalho com os gêneros.

Assim, adotar os gêneros como objeto de ensino e as seqüências Didáticas como encaminhamento metodológico de trabalho com os gêneros, é uma forma de criar condições para que os alunos sejam confrontados com diferentes práticas de linguagem historicamente construídas, oportunizando a sua reconstrução e a sua apropriação (COSTA-HÜBES e BAUMGÄRTNER, 2007, p. 17).

O trabalho com um gênero textual, conforme a metodologia da SD parte de uma produção inicial de leitura, escrita, ou fala, quando “o aluno estaria atendendo uma situação real de comunicação, em dada esfera social, revelando as representações que têm do gênero em questão” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.95-128). A primeira produção é o marco inicial para a preparação de diversos módulos, que darão conta dos possíveis problemas que nela aparecerão, na intenção de fornecer, aos alunos, os instrumentos necessários para produzirem um bom texto do gênero escolhido, ou seja, que contemple todas as suas marcas lingüísticas e características. A SD terá, como atividade conclusiva, uma produção final que oportunizará ao aluno por em prática a aprendizagem que aconteceu em cada módulo, sendo possível, a partir de então, uma avaliação de todo o processo.

Na produção didática ora proposta, seguiremos a adaptação da orientação metodológica desses autores, proposta por COSTA-HÜBES (AMOP, 2007), na qual a SD se orienta a partir da seguinte forma de organização:

1. APRESENTAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO (necessidade / motivo de produção).
2. SELEÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL (tendo em vista o que dizer, para

quem, em que local de circulação etc.).

3. RECONHECIMENTO DO GÊNERO SELECIONADO (por meio de)

a) Pesquisa sobre o gênero.

b) Leitura de textos do gênero, explorando e estabelecendo relações entre:

- sua função social,

- seu conteúdo temático,

- sua estrutura composicional (características, tipologia predominante etc.),

- seu estilo (análise lingüística),

c) Seleção de um texto do gênero para um estudo mais específico:

- de sua função social,

- de seu conteúdo temático,

- de sua estrutura composicional,

- de seu estilo (análise lingüística).

4. PRODUÇÃO DE TEXTO do gênero, tendo em vista a necessidade apresentada na situação inicial.

5. REESCRITA DO TEXTO produzido, com o objetivo de aproximá-lo, o máximo possível, de seus “modelos” que circulam socialmente.

6. CIRCULAÇÃO DO GÊNERO, tendo em vista o(s) interlocutor(es) definido(s) socialmente.

Antecedendo o trabalho proposto com o aluno, há a necessidade de construirmos Modelos Didáticos de Gêneros (MDG), expressão utilizada pelos pesquisadores de Genebra: Dolz e Schneuwly (2004), na orientação da transposição didática adequada do gênero para o ensino, dos fundamentos que guiam essa construção e dos passos seguidos para tal resultado.

Optamos, também, pela construção do MDG por entender que esse estudo preliminar do gênero textual com o qual pretendemos trabalhar, neste caso específico – o gênero “autobiografia” – propiciará um conhecimento maior sobre o gênero em questão. Consideramos isso importante porque, se queremos levar e trabalhar com um gênero na sala de aula, a primeira atitude deve ser de estudo do gênero com o qual pretendemos trabalhar.

Para o estudo do gênero em questão – autobiografia – o primeiro passo, depois de muitas leituras que embasaram, teoricamente, nossos conhecimentos

sobre gêneros textuais, foi selecionar, dentre as amostras de textos existentes na sociedade, 10 autobiografias, a saber:

Textos	Títulos	Nome dos autobiografados	Publicação/Circulação
Texto 01	...das saudades que não tenho	Bartolomeu Campos Queiroz	ABRAMOVICH, Fanny (org.) _ "O Mito da Infância Feliz". Summus, São Paulo, 1983.
Texto 02	Aí eu peguei e nasci	José Simão	www.uol.com.br/josesimao/biografia/htm
Texto 03	Autobiografia	Rodrigo Savazoni	www.savazoni.com.br/?page_id=2
Texto 04	Autobiografia	Helena Kolody	KOLODY, Helena. Sinfonia da Vida. Pólo Editorial do Paraná. Letra Viva, Curitiba, 1997.
Texto 05	Autobiografia – Jean Piaget	Jean Piaget	PIAGET, Jean. Autobiografia. In EVANS, Richard. Jean Piaget: o homem e suas idéias. Rio de Janeiro: Forense, 1980. www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/autobiografia-jean-piaget/
Texto 06	Brinquedoteca	Rubem Alves	www.rubemalves.com.br/brinquedoteca.htm
Texto 07	Autobiografia de Patativa do Assaré	Patativa do Assaré	http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare/
Texto 08	Autobiografia Felipe	Felipe Leite Diniz Pádua	www.seubino.com.br/auto_felipe.html
Texto 09	Um pouco de minha história	Felipe Simões Quartero	http://fesq.sites.uol.com.br/bio.htm
Texto 10	Vida	Zeca Baleiro	www2.uol.com.br/zecabaleiro/

Uma vez que os textos já estavam selecionados, o passo seguinte consistiu num intenso estudo de cada texto, observando os seguintes elementos:

- a) Contexto físico e sócio-subjetivo de Produção: o lugar e o momento de produção, o emissor, o interlocutor, o lugar social de interação, o lugar histórico da interação, a posição social do emissor, a posição social do interlocutor, o objetivo e o conteúdo temático do texto.
- b) O plano discursivo: plano textual global, tipo de discurso predominante e a seqüência discursiva (tipologia) predominante.
- c) As marcas lingüísticas: pronomes, dêiticos, modalizadores, elementos coesivos, características dos períodos e frases, dos parágrafos, do léxico (adjetivo, substantivo, advérbios etc.).

Em outras palavras, procuramos verificar as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador. Para facilitar esse trabalho utilizamos o quadro (anexo 1), proposto por Cristovão, Durão, Nascimento & Santos (2006).

A análise exaustiva dos textos permitiu ampliar nosso conhecimento sobre o gênero, indicando e/ou confirmando algumas marcas que lhe são próprias e que o definem como tal. Destacamos, a seguir, as principais marcas identificadas:

a) Quanto a análise do contexto de produção:

- o protagonista da história é, obrigatoriamente, o próprio autor;
- os textos tentam mostrar os principais episódios da vida do autor, de forma cronológica. Alguns dão maior ênfase a determinados períodos ou acontecimentos;
- os textos que circulam pela Internet ou publicados em livros destinam-se a leitores em geral, sobretudo aos que têm interesse em conhecer melhor a vida de determinadas pessoas, sejam elas celebridades ou anônimos.

b) Quanto a análise do plano discursivo:

- As Autobiografias são textos com marcas de implicação (o autor se mostra no texto). Quanto ao tipo de discurso, predomina o RELATO, uma vez que discorre sobre fatos reais exposto ao leitor. Por isso, são textos do tipo predominantemente narrativos.
- Quanto ao seu plano global (estrutura geral do texto), as biografias podem organizar-se tanto como um texto longo (no caso de livros que relatam minuciosamente a história/tragetória do autor), como textos curtos (é o caso de textos autobiográficos que circulam na Internet, ou textos em que o autor quer apenas mostrar passagens de sua vida de forma mais objetiva).

c) Quanto a análise das marcas lingüísticas, os textos revelaram:

- Uso abundante de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa (tanto no singular quanto no plural);

- Verbos constantemente no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, e algumas poucas vezes no Presente;
- Palavras ou expressões com valor temporal (“há dez anos”, “naquele tempo”, “naquela época”, “tempo em que”, “um tempo depois”, etc.)
- Marcadores espaciais / marcadores de lugar: (“era uma região...”, “naquele lugar...”, “foi o lugar onde...”, etc.)
- Expressões que funcionam como modalizadores do discurso, principalmente advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, etc. e, operadores argumentativos: um pouco, apenas, mesmo, etc.
- Palavras/vocabulário utilizado para identificar objetos da época citada.

Tais constatações foram importantes, pois serão tomadas como guias nas atividades que pretendemos propor com o gênero, as quais foram elaboradas pensando em se trabalhar com as marcas predominantes encontradas, considerando-se o nível de ensino em questão.

Dessa forma, entendemos que estaremos estudando/ensinando a Gramática, analisando e refletindo sobre a língua em uso, sobre o funcionamento da linguagem, selecionando aquilo que é considerado relevante para a prática de produção de textos do gênero textual em questão.

Sendo assim, em nossa prática é importante perceber que, se há uma Gramática, ela existe em função da compreensão e da produção oral e escrita, assim:

[...] saber falar e escrever uma língua supõe, também, saber a gramática dessa língua. Em desdobramento, supõe saber produzir e interpretar diferentes gêneros de textos. Conseqüentemente, é apenas no domínio do texto que as regularidades da gramática encontram inteira relevância e aplicabilidade (ANTUNES, 2003, p. 92).

A seguir, esboçamos uma proposta de trabalho com o gênero “autobiografia”, organizada conforme a metodologia da SD proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), adaptada por Costa-Hübes (AMOP, 2007), direcionada para alunos de 5ª série ou 6º ano do Ensino Fundamental. Com isso, não queremos esgotar as possibilidades de trabalho com este gênero. Ao contrário, trata-se de apenas uma

proposta resultante de nossos estudos (teóricos e práticos), realizados no ano de 2008, sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha Conceição Costa-Hübes (UNIOESTE – Cascavel/PR), propiciado pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Governo do Paraná. Assim, como se trata de uma tentativa de transposição didática, está aberta a sugestões, a adaptações, a questionamentos, enfim, a reflexões.

SEQÜÊNCIA DIDÁTICA - GÊNERO TEXTUAL
AUTOBIOGRAFIA
(5ª série ou 6º ano)

1 - APRESENTAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO E SELEÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL

Professor(a):

Antes de iniciar o trabalho, apresente um MOTIVO, uma necessidade de INTERLOCUÇÃO para motivar o estudo, a análise e a produção do gênero textual AUTOBIOGRAFIA. Por exemplo, diga aos seus alunos que você visitou algumas páginas da Internet e verificou que há alguns projetos de escolas que são realizados com a intenção de socializar, entre colegas de turma, ou demais membros da escola, a história de vida de cada um dos colegas, enfatizando episódios de vida, porém de maneira bem objetiva.

Considerando a existência de laboratórios de informática em quase 100% das Escolas Públicas do Paraná, proponha aos alunos a criação de um Blog, ou de uma Wiki, ou mesmo uma publicação no site da escola, no qual cada um dos alunos editaria sua AUTOBIOGRAFIA a fim de que outros leitores pudessem conhecer sua história.

Porém, antes de iniciar a produção de AUTOBIOGRAFIAS, proponha um trabalho de reconhecimento do gênero para facilitar, assim, a atividade de produção escrita.

2 RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL "AUTOBIOGRAFIA"

Professor(a):

Pergunte aos alunos:

- O que significa a palavra BIOGRAFIA?
- O que significa a palavra AUTOBIOGRAFIA?

De acordo com as respostas, entregue um dicionário para cada aluno na sala de aula, ou leve-os até a biblioteca (lembrando-se de orientar antecipadamente a bibliotecária), ou oriente-os a pesquisar na Internet o conceito destas duas palavras: Biografia e Autobiografia.

Explique, depois da pesquisa, se necessário, que:

BIO = vida; GRAFIA = escrita.

Então Biografia significa “registro da vida de uma pessoa”.

AUTO = a si mesmo.

Autobiografia significa “o registro escrito da própria vida”, ou seja, uma biografia escrita pelo próprio autor, o autor seleciona e narra acontecimentos de sua própria vida.

Depois destes esclarecimentos, distribua aos alunos textos do gênero Autobiografia para que façam a leitura e socializem as informações sobre o texto com os colegas (Veja anexos).

Na seqüência, você, professor(a), junto com a turma, tentará observar/identificar as características mais comuns desse gênero, ou seja, aquilo que consta na maioria dos textos do Gênero Autobiografia.

As principais marcas do gênero textual Autobiografia são:

- Informações quanto ao nome do autor e protagonista da história, data e local de seu nascimento;
- Fatos importantes da vida dessa pessoa;
- Uso freqüente de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa (singular/plural);
- Predomínio de verbos no Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. (Se achar necessário, nesse momento, exemplifique a diferença entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito);
- O relato dos fatos no texto autobiográfico aparece frequentemente pontuado de lembranças, de um colorido emocional que não é visto em outros gêneros textuais, porém com o compromisso de dizer a verdade.

Além de destacar as características do gênero, questione, seus alunos, quanto ao contexto de produção de cada um:

- De quem cada texto fala? Alguém conhece essa pessoa? Já leu outro(s) texto(s) realtivo(s) a ela? O que mais sabem sobre essa pessoa?
- Qdo foram produzido?
- Onde foram publicados?
- Com qual objetivo foram publicados?
- Quem são, geralmente, os leitores desses textos?

Depois de constatar essas marcas, se possível, mostre alguns livros com relatos autobiográficos para a classe. Se a escola possuir laboratório de Informática com acesso à Internet, leve seus alunos e peça para que visitem os endereços citados abaixo, a fim de que observem outros textos do Gênero autobiográfico.

<http://www.overmundo.com.br/banco/autobiografia>

<http://www.matioli.com/mrsmatioli/autobiografia.html>

http://www.seubino.com.br/auto_felipe.html

http://www.seubino.com.br/auto_caniggia.html

http://www.seubino.com.br/auto_thais.html

<http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/autobiografia-jean-piaget/>

<http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare/>

<http://lportuguesa.malha.net/content/view/43/42/>

http://www.savazoni.com.br/?page_id=2

3 - SELEÇÃO DE UM TEXTO DO GÊNERO

Após a análise dos textos (quanto ao contexto de produção e e formato do gênero), escolha um para que seja explorado em vários aspectos. Nessa **SD**, **selecionamos mais do que um texto: na realidade 03**: as Autobiografias de Helena Kolody, Rubem Alves e Felipe Simões Quarteto, sobre os quais apresentamos uma proposta de análise. Porém, lembramos que tal análise poderá ser feito com qualquer outro texto do gênero que possa lhe interessar.

Texto 01

Autobiografia

Helena Kolody

Nasci no dia 12 de outubro de 1912, no núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Eram 8 horas da manhã de um dia de sol e geada.

Meus pais eram ucranianos, que se conheceram e casaram no Paraná. Eu sou a primogênita e a 1ª brasileira de minha família.

Miguel Kolody, meu pai, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia Orienta, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, Miguel, no ano seguinte, emigrou para o Brasil com a mãe e os irmãos.

Mamãe, cujo nome de solteira era Victoria Szandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1892. Veio para o Brasil em 1911.

Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. "Seu" Miguel conheceu a jovem Victoria e apaixonou-se por ela. Casaram-se em Janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo da minha história.

Cursei a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomando-me em 1931. Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Escolhi o Magistério levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Ao Magistério, dediquei os melhores anos de minha vida. Lecionei com prazer e entusiasmo. Amei meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos. Muitas de minhas melhores amigas de hoje foram minhas alunas. O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal.

Texto retirado do Livro "Helena Kolody - Sinfonia da vida; Organização: Tereza Hatue de Rezende. Coleção Antologia poética. D.E.L. Editora/Letraviva, Pólo Editorial do Paraná "A transformação que a gente lê. - 1997, pág. 11.

Texto 02

Brinquedoteca

Rubem Alves

Vocês, crianças que lêem as minhas estórias, freqüentemente ficam curiosas sobre a minha vida. Eu conto. Eu nasci, faz muito tempo, no dia 15 de setembro de 1933, numa cidade do sul de Minas, Boa Esperança (procurem no mapa). Façam as contas para saber

quantos anos tenho agora. Meu pai foi muito rico, perdeu tudo, ficamos pobres, morei numa fazenda velha. Não tinha nem água, nem luz e nem privada dentro de casa. A água, a gente tinha de pegar na mina. A luz era de lamparina a querosene. A privada era uma casinha fora da casa. Casinha do lado de fora. Não precisava de brinquedos. Havia os cavalos, as vacas, as galinhas, os riachinhos, as pescarias. E eu gostava de ficar vendo o monjolo.

Depois mudei para cidades: Lambari, Três Corações, Varginha. Me divertia fazendo meus brinquedos. Brinquedo que a gente compra pronto não tem graça. Enjoa logo. Quantos brinquedos há no seu armário, esquecidos? Fazer o brinquedo é parte da brincadeira. Foi fazendo brinquedos que aprendi a usar as ferramentas, martelo, serrote, alicate. Gostava de andar de carrinho de rolemã. Brincava de soltar papagaio, bolinhas de gude, pião. Fiz um sinuquinha. Se quiser ler a estória de como fiz o sinuquinha. Como a gente era pobre nunca tive velocípede ou bicicleta. Ainda hoje não sei andar de bicicleta. Depois nos mudamos para o Rio de Janeiro onde sofri muito. Os meninos cariocas caçoavam de mim por causa do meu sotaque de mineiro da roça. Gostava de ler Gibi e X-9. Nunca fui um bom aluno. Não me interessava pelas coisas que ensinavam nas escolas. Estudei piano porque queria ser pianista. Mas eu não tinha talento. Desisti. Pensei ser engenheiro, médico. Li a biografia de um homem extraordinário, chamado Albert Schweitzer. Ele era filho de um pastor protestante. Pastor é uma espécie de padre das igrejas protestantes. Schweitzer desde menino tocava órgão. Foi um especialista na música de Bach e dava concertos por toda a Europa.

Fui ser pastor porque queria cuidar dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas, porque é daí que surgem nossas ações. Se a gente tem pensamentos bons a gente faz coisas boas. Se tem pensamentos maus faz coisas ruins. Morei e estudei nos Estados Unidos. Voltei para o Brasil. Vim morar em Campinas. Fui ser professor numa universidade. Tenho 3 filhos. O mais velho se chama Sérgio e é médico. O segundo se chama Marcos, é biólogo. E a Raquel, minha última filha, que vai ser arquiteta.

Meu maior brinquedo hoje é escrever. Adoro escrever. Especialmente estórias para crianças. Já escrevi mais de trinta. Todas com ilustrações. Meus dois últimos livros para crianças são O gato que gostava de cenouras e A história dos três porquinhos (A estória que normalmente se conta não é a verdadeira. Eu escrevi a verdadeira...) . Para mim cada livro é um brinquedo.

Sou também psicanalista, que é um tipo de médico que cuida dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas. Quando os pensamentos e os sentimentos não são cuidados eles podem ficar doentes. São várias as doenças que podem atacar os pensamentos e os sentimentos. Aí as pessoas podem ficar mandonas, malvadas, falam sem parar, ou não falam nunca, têm medo de coisas imaginadas, ficam tímidas, não sabem repartir, ficam chatas, etc. A psicanálise existe para ajudar as pessoas a ter sentimentos e pensamentos mansos.

Coisas que me dão alegria: ouvir música, ler, conversar com os amigos, andar nas matas, olhar a natureza, tomar banho de cachoeira, brincar com as minhas netas (Mariana e Camila, filhas do Sérgio; Ana Carolina e Rafaela, filhas do Marcos), armar quebra-cabeças, empinar pipas, cachorros. Fazer os próprios brinquedos e armar quebra-cabeças ajuda a desenvolver a inteligência. Cuidado com os brinquedos comprado prontos: eles podem emburrecer!

Fonte: <http://www.rubemalves.com.br/brinquedoteca.htm>

Autobiografia – Um pouco de minha vida

Meu nome é Felipe Simões Quartero, nasci em 30 de julho de 1981, na cidade de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo.

Aos 5 anos de idade comecei a apresentar algumas dificuldades físicas relacionadas a força muscular. Um ano depois, após inúmeros exames, fui diagnosticado como sendo portador da Distrofia Muscular de Duchenne, deficiência neuromuscular progressiva, na qual as células musculares sofrem um processo degenerativo contínuo.

Apesar das limitações, que foram crescendo com o passar dos anos, continuei vivendo normalmente, sempre estudando, fazendo amigos e curtindo a vida. A deficiência nunca foi motivo para eu desistir de meus objetivos, e penso ser essa atitude a mais importante e decisiva em minha vida.

Aos 11 anos passei a me locomover "sobre rodas" (com o auxílio de cadeira de rodas), uma condição nova para mim, a qual logo me adaptei. Em 1999, aos 17 anos, iniciei o curso superior de Ciências da Computação, me formando quatro anos mais tarde. Atualmente atuo como professor de informática, palestrante e escritor.

Minha biografia não acaba aqui, continua sendo escrita, mas já me rendeu (e segue rendendo) muitas experiências e histórias para contar, agora é hora de compartilhá-las com as pessoas.

Felipe Simões
Quartero

Fonte: <http://fesq.sites.uol.com.br/bio.htm>

4 PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO AUTOBIOGRAFIA

Professor(a):

Neste momento, é importante pedir aos alunos que escrevam um primeiro esboço do texto no gênero Autobiografia, no qual socializarão fatos de sua vida, com os colegas, uma vez que, depois de pronto, será publicado num Blog, ou Wiki, ou mesmo no site da escola.

Talvez você esteja pensando: por que pedir uma produção escrita logo no início? Não vai ser difícil para o aluno?

Pode ser, mas a idéia é fazer uma comparação entre o que cada um consegue fazer antes e depois de desenvolver a seqüência de atividades sugeridas. Isso deixará evidente, tanto para você quanto para os alunos, o que foi aprendido com essa SD.

Primeira escrita: A produção inicial aponta o que os alunos já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles podem perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades da SD. Além

disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, constituindo, assim, um processo de avaliação continuada.

Porém sugerimos que, uma vez produzido o primeiro texto (a primeira versão – que é apenas um rascunho, um esboço), encaminhe as atividades seguintes, ou seja, não faça e nem peça nenhuma correção do texto nesse momento. É importante criar um distanciamento (dar um tempo) entre essa primeira escrita e reescrita que se pode fazer dele.

Depois de lido os três textos, sugerimos que sejam encaminhadas algumas atividades que irão auxiliar no reconhecimento do gênero quanto ao seu contexto de produção, sua função social, suas características que o definem com tal, enfim, suas marcas lingüísticas.

Atividades para o aluno

- 1) Depois de ler os textos, o que você percebeu que há em comum entre eles?
- 2) Qual é o suporte de circulação, ou onde encontramos cada um desses texto?
 - a) Texto 01:
 - b) Texto 02:
 - c) Texto 03:
- 3) Qual o papel social (profissão) de:
 - a) Helena Kolody:
 - b) Rubem Alves:
 - c) Felipe Simões Quartero:
- 4) Como poderia ser resumida a vida de:
 - a) Helena Kolody:
 - b) Rubem Alves:
 - c) Felipe Simões Quartero:
- 5) Qual a Autobiografia que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- 6) Qual é o objetivo de se escrever uma autobiografia? Quem as lê?
- 7) Você conhece outras autobiografias, além dessas de Rubem Alves e Helena Kolody e Felipe Simões Quartero? Quais?
- 8) Localize nos textos:

	Texto 01	Texto 02	Texto 03
--	-----------------	-----------------	-----------------

Nome completo da pessoa autobiografada:			
Local e data de nascimento:			
Fatos e feitos mais importantes:			
Trabalhos que já teve:			
Onde morou ou mora:			

- 9) Depois de ler as três autobiografias, que traços você considerou mais importante na personalidade de cada um dos autobiografados:

Atividades de Análise Lingüística

- 1) Volte ao texto 3, e com a ajuda do dicionário, encontre o significado das seguintes expressões:
 - a) Locomover:
 - b) Limitações:
 - c) Auxílio:
 - d) Diagnosticado:
 - e) Portador:
 - f) Degenerativo:

- 2) Observe essas mesmas palavras no texto. Você julga possível substituí-las pelo significado atribuído pelo dicionário, sem alterar o sentido do texto? A que conclusão você chega?

- 3) Volte aos textos e observe: a que tempo os autores se reportam para falar de sua vida?
 - () Presente
 - () Pretérito / Passado
 - () Futuro
 Por que será que os autores optam por esse tempo verbal?

- 4) Observe o seguinte trecho do texto 02, quando Rubem Alves escreve:

“...Foi fazendo brinquedos que aprendi a usar as ferramentas, martelo, serrote, alicate. **Gostava** de andar de carrinho de rolemã. **Brincava** de soltar papagaio, bolinhas de gude, pião.”

- a) As palavras destacadas são verbos, pois revelam AÇÕES. Analisando-as, podemos dizer que elas:
 - () revelam ações totalmente concluídas.

- eram ações rotineiras que, portanto, repetiram-se por muitas vezes.
- não se realizaram ainda, mas poderão realizar-se.

b) Os verbos destacados são classificados, gramaticalmente, como:

- Pretérito Perfeito
- Pretérito Imperfeito
- Presente
- Pretérito mais que Perfeito

c) Localizem, agora, esse mesmo tempo verbal no trecho abaixo, retirado do **texto 01**, refletindo sobre o prolongamento da ação por ele indicado:

Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. "Seu" Miguel conheceu a jovem Victoria e apaixonou-se por ela. Casaram-se em Janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo da minha história.

5) Observe o seguinte trecho também do **texto 01**:

"Estudei piano porque queria ser pianista. Mas eu não tinha talento. **Desisti. Pensei** em ser engenheiro, médico."

a) Podemos dizer que:

- As ações, indicadas pelos verbos destacados, são rotineiras, prolongadas da vida de Rubem Alves.
- As ações, indicadas pelos verbos destacados, são concluídas, acabadas, finalizadas.
- As ações, indicadas pelos verbos destacados, ainda irão acontecer.

b) Os verbos destacados são classificados, gramaticalmente, como:

- Pretérito Perfeito
- Pretérito Imperfeito
- Presente
- Pretérito mais que Perfeito

6) Releia este trecho do **texto 03**:

Aos 11 anos passei a me locomover "sobre rodas" (com o auxílio de cadeira de rodas), uma condição nova para mim, a qual logo me adaptei. Em 1999, aos 17 anos, iniciei o curso superior de Ciências da Computação, me formando quatro anos mais tarde. Atualmente atuo como professor de

a) Sublinhe todos os verbos empregados no PRETÉRITO PERFEITO.

b) Explique por que eles foram empregados pelo autor.

- c) Transcreva esse texto, substituindo o PRETÉRITO PERFEITO pelo PRETÉRITO IMPERFEITO.
- d) Essa substituição altera o sentido do texto? Por quê?
- 7) Escreva, agora, 03 linhas falando sobre um fato que aconteceu na sua vida. Depois verifique: qual o tempo verbal que você empregou? Por quê?
- 8) No gênero autobiográfico, o Pretérito Perfeito, marca ações que se destacaram: “mudei, nasci, escrevi...” O uso do Pretérito Imperfeito marca o tempo das memórias, do lembrar: “morava, brincava, gostava...” O **Pretérito** é o tempo que predomina neste gênero, mas em algumas situações, também é usado o tempo **Presente**, como nesse trecho do texto 02, quando Rubem Alves escreve:

Meu maior brinquedo hoje é escrever. Adoro escrever. Especialmente histórias para crianças. Já escrevi mais de trinta. Todas com ilustrações. Meus dois últimos livros para crianças são O gato que gostava de cenouras e A história dos três porquinhos (A história que normalmente se conta não é a verdadeira. Eu escrevi a verdadeira...) . Para mim cada livro é um brinquedo.

- a) Por que, nesse trecho, o autor se utiliza do tempo PRESENTE para falar de sua vida?

O autor de autobiografias usa constantemente verbos no tempo passado/preterito para marcar um tempo do qual se lembra e já se foi. Nestas atividades trataremos dos tempos verbais essenciais no gênero autobiografia: **Pretérito Perfeito** e **Pretérito Imperfeito**. Porém, é possível que o autor utilize também verbos no tempo **Presente**, pois pode querer narrar fatos de sua vida atual. Observe, por exemplo, o último parágrafo do texto 03 e o 4º e 5º parágrafos do texto 02.

Professor(a):

Explique que o **Pretérito Perfeito** indica uma **ação pontual, completamente terminada no passado**, como por exemplo: cai, perdi, quebrei, quebramos, morei. Ele é adequado para relatar **ações “fechadas”**, que ocorreram em uma ação pontual.

O **Pretérito Imperfeito** indica uma **ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes**. Por exemplo: caía, perdia, quebrava, quebrávamos, morava. Ele é adequado para a descrição de **situações que ocorriam “com frequência”**.

- 9) Agora, releia o 1º e o 2º parágrafos do **texto 03**.

Meu nome é Felipe Simões Quartero, nasci em 30 de julho de 1981, na cidade de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo.

Aos 5 anos de idade comecei a apresentar algumas dificuldades físicas relacionadas a força muscular. Um ano depois, após inúmeros exames, fui diagnosticado como sendo portador da Distrofia Muscular de Duchenne, deficiência neuromuscular progressiva, na qual as células musculares sofrem um processo degenerativo contínuo.

a) Quando o autor descobriu ser portador de Distrofia Muscular de Duchenne? Como podemos saber? Além da data, o autor usa outras expressões que ajudam a nos situar no tempo. Quais são elas?

As expressões usadas para responder a atividade acima, ajudam a deixar o texto mais “leve”, pois se formos muito rígidos ao utilizar dados cronológicos, o texto autobiográfico ficará muito chato. Já imaginou se o texto fosse todo baseado em: “em 1981”, “em 1986”, “em 1987”... Portanto, são muito utilizadas nesse gênero, expressões como: na mesma época, naquele tempo, com o passar dos anos, no ano seguinte...

b) Busque, agora, nos trechos seguinte, as palavras que marcam o tempo, as quais podemos denominar de “marcadores temporais”.

- Nasci no dia 12 de outubro de 1912, no núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Eram 8 horas da manhã de um dia de sol e geada (texto 01)
- Aos 11 anos passei a me locomover "sobre rodas" (com o auxílio de cadeira de rodas), uma condição nova para mim, a qual logo me adaptei. Em 1999, aos 17 anos, iniciei o curso superior de Ciências da Computação, me formando quatro anos mais tarde. Atualmente atuo como professor de informática, palestrante e escritor (texto 3).

10) No gênero autobiográfico, é bastante comum a utilização de expressões que nos obrigam buscar informações fora do texto para melhor entendê-lo, sejam lugares, coisas, pessoas.

a) Releia o primeiro parágrafo do texto 02, e identifique algumas destas expressões:

Vocês, crianças que lêem as minhas estórias, freqüentemente ficam curiosas sobre a minha vida. Eu conto. Eu nasci, faz muito tempo, no dia 15 de setembro de 1933, numa cidade do sul de Minas, Boa Esperança (procurem no mapa). Façam as contas para saber quantos anos tenho agora. Meu pai foi muito rico, perdeu tudo, ficamos pobres, morei numa fazenda velha. Não tinha nem água, nem luz e nem privada dentro de casa. A água, a gente tinha de pegar na mina. A luz era de lamparina a querosene. A privada era uma casinha fora da casa. Casinha do lado de fora. Não precisava de brinquedos. Havia os cavalos, as vacas, as galinhas, os riachinhos, as pescarias. E eu gostava de ficar vendo o moniolo.

No gênero autobiografia, o autor narra na primeira pessoa (Eu/Nós) acontecimentos que seleciona da sua própria vida, em geral, para caracterizar sua personalidade.

Observe este trecho do 6º parágrafo do texto 01:

*“**Cursei** a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomando-me em 1931. **Sou** uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. **Escolhi** o Magistério levada pelo impulso irresistível da vocação.”*

Como você pode analisar, Helena Kolody fala dela mesma, diz onde ela estudou : “Cursei...” (eu); diz que é professora: “Sou...” (eu); “Escolhi...” (eu). Usa, portanto, a **1ª pessoa do singular**. Pela Gramática Normativa, a pessoa que fala no discurso é chamada de **Pronome Pessoal**. São os pronomes pessoais que determinam a concordância com o verbo.

Observe ainda no texto 01:

*“**Meus** pais eram ucranianos...”
“Estava escrito o primeiro capítulo da **minha** história.”*

Os termos destacados referem-se a Helena Kolody, e estabelecem uma relação de posse entre a autora e seus pais (**meus**), e sua história (**minha**). Esses termos são classificados pela Gramática Normativa, como **Pronomes Possessivos**.

12) Releia o último parágrafo do Texto 01 e busque nele os pronomes possessivos que aparecem, identificando a quem estão se referindo:

Cursei a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomando-me em 1931. Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Escolhi o Magistério levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Ao Magistério, dediquei os melhores anos de minha vida. Lecionei com prazer e entusiasmo. Amei meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos. Muitas de minhas melhores amigas de hoje foram minhas alunas. O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal

- 11) Abaixo, temos um fragmento de um texto do gênero Biografia, que tem algumas características comuns ao gênero Autobiografia, porém na Biografia há o predomínio do uso da 3ª pessoa (ele/ela), pois o narrador escreve sobre outra pessoa. Leia com atenção a **Biografia de Ana Maria Machado** e transforme-a em uma **Autobiografia**.

Ana Maria Machado

Ana Maria Machado nasceu em 1941 no morro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro e cresceu nas areias de Ipanema. Antes de se entregar ao mundo das letras, iniciou a faculdade de Geografia e dedicou-se à pintura num curso que fez no Museu de Arte Moderna no Rio.

As férias de infância junto com os primos e a casa repleta de livros foram marcos importantes na sua formação enquanto escritora. Como ela mesma já declarou várias vezes, vive inventando histórias, algumas ganham vida em papel e muitas delas transformaram-se em livros, aliás, muitos livros (mais de 100).

Ana Maria Machado foi professora, jornalista, dona da livraria Malasartes, já fez programa de rádio e hoje vive da e para a literatura.

Em 2000, Ana ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial e em 2003, Ana Maria teve a imensa honra de ser eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.

Fonte: Adaptado do site <http://www.anamariamachado.com/biografia/biografia.html>

- Que mudanças você teve que fazer no texto?
- Você teve que empregar Pronomes Pessoais? E Pronomes Possessivos? Quais?
- E os verbos, mudaram? Como?

- 12) Outra marca desse gênero, é o uso abundante de SUBSTATIVOS PRÓPRIOS, indicando nomes de pessoas (dos pais, irmãos etc.) e de lugares (cidades, países etc.). Voltem aos textos e localize alguns desses substantivos próprios, completando o quadro abaixo:

	Substantivo Próprio
Texto 01	
Texto 02	
Texto 03	

5 - PRODUÇÃO E REESCRITA DE TEXTO

Professor(a):

Após a realização destas atividades onde exploramos o gênero textual Autobiografia, julgamos que o aluno esteja melhor preparado para Produção Escrita de um texto desse gênero. Portanto, retome a idéia inicial (escrever sua autobiografia para que seja socializada com os colegas da escola, através da publicação na Internet (seja no Site da Escola, em um Blog ou de uma Wiki).

Como já vimos anteriormente, as informações que devem constar em uma autobiografia, devem ser:

- Informações quanto ao nome do autor e protagonista da história, data e local de seu nascimento;
- Fatos importantes da vida dessa pessoa;
- Uso freqüente de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa (singular);
- Predomínio de verbos no Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito.
- Marcadores de tempo (anos, datas, expressões temporais como “no ano seguinte, alguns anos depois, depois, em seguida” etc.)
- O relato dos fatos no texto autobiográfico aparece frequentemente pontuado de lembranças, de um colorido emocional que não é visto em outros gêneros textuais, porém com o compromisso de dizer a verdade.
- Predomínio de seqüências narrativas.

Lembre-se:

_Primeira Produção: retome, nesse momento, com seus alunos, aquele primeiro esboço do texto produzido em aulas anteriores. Peça que releiam o seu texto e, em posse da tabela seguinte, verifiquem se o rascunho contempla o que deve e pode ser dito num texto do gênero autobiografia:

Marcas do gênero	Contempla (sim)	Não contempla
1) Informações quanto ao seu nome, data e local de nascimento.		
2) Revela fatos importantes.		
3) Pronomes pessoais e possessivos da 1ª pessoa (eu/meu/minha..).		
4) Predomínio de verbos no Pretérito Perfeito e Imperfeito.		
5) Marcadores temporais (datas, anos, expressões de tempo).		
6) Predomínio de seqüências narrativas.		

-Segunda Produção (Primeira Reescrita): depois dos rascunhos passarem por essa análise (tabela), oriente para que os alunos procedam à reescrita do primeiro texto (do rascunho). Depois de reescritos, o ideal seria que você, professor(a), fizesse uma leitura avaliativa desses textos, indicando, se ainda houverem, os problemas que restaram.

-Terceira Produção (Segunda Reescrita): Consiste na produção final do texto em seu suporte de circulação. Em posse das anotações feitas pelo(a) professor(a), os alunos reescreverão, mais uma vez o texto. Como os textos serão publicados, é importante que os alunos entendam a funcionalidade da língua e coloquem-se como autores do texto produzido, garantindo-lhes objetividade, clareza e correção.

6 - CIRCULAÇÃO DO GÊNERO NA SOCIEDADE

Uma vez feita as reescritas, esse é o momento de tornar público o texto produzido. Para isso, professor(a), leve seus alunos para o Laboratório de Informática, peça para que digitem seus textos e encaminhem para a postagem no Site da Escola, ou em um Blog, ou em uma Wiki.

BIBLIOGRAFIA

AMOP. Seqüência **Didática: uma proposta para o ensino de língua portuguesa nas séries iniciais**. [Terezinha da Conceição Costa-Hübes]. Cascavel: Assoeste, 2007.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**. Por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, texto e discurso**. São Paulo: EDUC, 2003.

CLARA, R.A.; ALTENFELDER, A. H. **Se bem me lembro...** – São Paulo : Cenpec : Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

COSTA-HÜBES, T. da C. **Uma tentativa de Análise Lingüística de um texto do gênero “Relato Histórico”**

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KOLOGY, H. **Sinfonia da Vida**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras: a introdução a um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Linguagem em (Dis)curso, v.6, n. 3 set/dez 2006

MARCUSCHI, I. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: **gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modo de pensar, modo de fazer**. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

TIEPOLO, E.V.; MEDEIROS, S. G. **Arte & Manhas da Linguagem**, 6. Curitiba : Positivo, 2002.

Sites consultados:

http://www.anamariamachado.com/biografia/biografia.html	Acessado em 08/12/2008.
http://www.overmundo.com.br/banco/autobiografia	Acessado em 08/12/2008.
http://www.matioli.com/mrsmatioli/autobiografia.html	Acessado em 08/12/2008.
http://www.seubino.com.br/auto_felipe.html	Acessado em 08/12/2008.
http://www.seubino.com.br/auto_caniggia.html	Acessado em 08/12/2008.
http://www.seubino.com.br/auto_thais.html	Acessado em 08/12/2008.
http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/autobiografia-jean-piaget/	Acessado em 08/12/2008.
http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare/	
http://lportuguesa.malha.net/content/view/43/42/	Acessado em 08/12/2008.
http://www.savazoni.com.br/?page_id=2	Acessado em 08/12/2008.
http://www.estigmatinos.com.br/Biblioteca3/Biog_PeGabriel.PDF	Acessado em 08/12/2008.
www.uol.com.br/josesimao/biografia/htm	Acessado em 08/12/2008.
www.savazoni.com.br/?page_id=2	Acessado em 08/12/2008.
www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/autobiografia-jean-piaget/	Acessado em 08/12/2008.
www.rubemalves.com.br/brinquedoteca.htm	Acessado em 08/12/2008.
http://fesq.sites.uol.com.br/bio.htm	Acessado em 08/12/2008.
www2.uol.com.br/zecabaleiro/	Acessado em 08/12/2008.

ANEXO 01

MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO: AUTOBIOGRAFIA

QUADRO 01: ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO²

Contexto Físico de Produção	AUTOBIOGRAFIA 01	AUTOBIOGRAFIA 02	AUTOBIOGRAFIA 03
O lugar de produção (contexto físico imediato)			
O momento de produção (contexto histórico imediato)			
Locutor/Autor/Emissor			
Interlocutor/Destinatário			
Contexto Sócio-Subjetivo de Produção:			
O lugar social da interação (escola, família, palanque, igreja etc)			
O lugar histórico da interação (contexto mais amplo)			
A posição social do locutor (pai, professor, jornalista, aluno etc.) Meio de veiculação			
A posição social do receptor (professor, aluno, médico etc.)			
Objetivo (efeito que o locutor deseja produzir sobre o destinatário)			
O conteúdo temático			
O suporte de circulação			

QUADRO 2: ANÁLISE DO PLANO DISCURSIVO

Plano Discursivo	AUTOBIOGRAFIA 01	AUTOBIOGRAFIA 02	AUTOBIOGRAFIA 03
Plano textual global (organização geral do texto)			
Tipo de discurso predominante	Mundos discursivos: () Narrar () Expor Grau de implicação: () conjunto	Mundos discursivos: () Narrar () Expor Grau de implicação: () conjunto	Mundos discursivos: () Narrar () Expor Grau de implicação: () conjunto

² Quadros adaptados de: CRISTOVÃO, DURÃO, NASCIMENTO & SANTOS. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 41-76, jn./jun.2006.

	() Disjunto	() Disjunto	() Disjunto
	Tipo de Discurso:	Tipo de Discurso:	Tipo de Discurso:
	() Narração	() Narração	() Narração
	() Relato	() Relato	() Relato
	() Teórico	() Teórico	() Teórico
	() Interativo	() Interativo	() Interativo

QUADRO 03: ANÁLISE DO ESTILO LINGUÍSTICO

Unidades lingüísticas	AUTOBIOGRAFIA 01	AUTOBIOGRAFIA 02	AUTOBIOGRAFIA 03
Presença de dêiticos			
Tempos verbais			
Modalizadores			
Características da coesão nominal (referencial)			
Características da coesão nominal (seqüencial, ou conexão)			
Pronomes pessoais de primeira ou segunda pessoa			
Características dos períodos e frases			
Características dos parágrafos			
Características lexicais (presença abundante de adjetivos, substantivos concretos / abstratos / derivados etc., advérbios etc.)			
Tomada de Posição			
Argumentos			
Contra-argumentos			

ANEXO 02

Texto 01

...das saudades que não tenho

Nasci com 57 anos. Meu pai me legou seus 34, vividos com duvidosos amores, desejos escondidos. Minha mãe me destinou seus 23, marcados com traições e perdas. Assim, somados, o que herdei foi a capacidade de associar amor ao sofrimento.

Morava numa cidade pequena do interior de Minas, enfeitada de rezas, procissões, novenas e pecados. Cidade com sabor de laranja-serra-d'água, onde minha solidão já pressentida era tomada pelo vigário, professora, padrinho, beata, como exemplo de perfeição.

(...) Meu pai não passeou comigo montado em seus ombros, nem minha mãe cantou cantigas de ninar para me trazer o sono. Mesmo nascendo com 57 anos estava aos 60 obrigado ainda a ser criança. E ser menino era onrar pai com seus amores ocultos. Gostar da mãe e seus suspiros de desventuras.

(...) Tive uma educação primorosa. Minha primeira cartilha foi o olhar do meu pai, que me autorizava a comer mais um doce nas festas de aniversário. Comer com a boca fechada, é claro, pra ficar mais bonito e meu pai receber elogios pelo filho contido que ele tinha. E cada dia era visto como a mais exemplar das crianças, naquela cidade onde a liberdade nunca mais tinha aberto as asas sobre nós.

Mas a originalidade de minha mãe ninguém poderá desconhecer. Ela era capaz de dizer coisas que nenhuma mãe do mundo dizia, como por exemplo: - Você, quando crescer vai ter um filho igual a você. Deus há de me atender, para você passar pelo que eu estou passando. – Mãe é uma só. (...)

(*Bartolomeu Campos Queiroz*, em *Abramovich*, Fanny (org.) – “O mito da infância feliz”. Summus, São Paulo, 1983).

Texto 02

Aí eu peguei e nasci

Sou filho de árabe com loira e deu macaco na cabeça. E eu não tenho 56 anos. Eu tenho 18 anos. Com 38 de experiência. E eu era um menino asmático que ficava lendo Proust e ouvindo programa de terror no rádio. Em 68 entrei pra Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Mas eu matava aula com o namorado da Wanderléia pra ir assistir o programa de rádio do Erasmo Carlos. E aí eu desisti. Senhor Juiz,, pare agora!

E aí eu fui pra *Swinging London*, usava calça boca de sino, cabelo comprido e assisti ao show dos *Rolling Stones* no *Hyde Park*. E fazia alguns bicos pra *BBC*. Voltei. Auge do *Tropicalismo*. *Freqüentava as Dunas da Gal* em *Ipanema*. Passei dois anos batendo palma pro pôr-do-sol e

assistindo o show da Gal toda noite. E depois diz que hippie não faz nada! (...)

Fonte: www.uol.com.br/josesimao/biografia/htm

Texto 03

[Autobiografia](#)

Published by [Rodrigo Savazoni](#)

Meu nome é Rodrigo Savazoni (rodrigossavazoni[arroba]gmail.com). Tenho 28 anos, uma filha maravilhosa, a [Júlia](#), um molecote sapeca, o [Francisco](#), e uma grande companheira de vida chamada Lia Rangel. Sou jornalista.

Saiba mais:

[Minhas Fotos](#)

[Meus Vídeos](#)

[Meu Tumblr](#)

[Meu Mini-blog](#)

[Meu Facebook](#)

[Meu Orkut](#)

Atualmente sou Editor na área de Conteúdo Digital do Grupo Estado. Também faço parte da equipe de coordenação do Projeto Repórter do Futuro, organizado pela [Oboré](#) em parceria com uma série de outras entidades, entre elas a [Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo](#) (Abraji).

Durante quase quatro anos trabalhei na [Radiobrás](#). Fui primeiro Redator-Chefe e, por dois anos, Editor-Chefe da [Agência Brasil](#), uma agência de notícias pública que é custeada com recursos do governo brasileiro.

Nesse período, sob o comando de [Eugênio Bucci](#) e Celso Nucci, participei de uma ampla reforma editorial e gráfica que modificou a trajetória do veículo.

Sou fundador e membro do [Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação](#), um movimento civil que luta pelo direito à comunicação.

Participei da edição do livro [Vozes da Democracia: Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil](#), da equipe de pesquisadores do Projeto de Governança Global realizado pela Campanha CRIS (Communication Rights in the Information Society) e do [Conselho Editorial do programa Direitos de Resposta](#), a primeira ocupação da sociedade civil organizada na televisão aberta brasileira.

Graduei-me em Jornalismo pela [Fundação Cásper Líbero](#) em 2001. Antes, também realizei estudos de História na [Universidade de São Paulo](#) (USP), mas não concluí o curso.

Iniciei minha carreira de jornalista na [Agência Estado](#), agência de notícias do Grupo Estado, que edita os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. Colaborei com quase todos os veículos da imprensa alternativa contemporânea, entre eles [Agência Carta Maior](#), [Revista Fórum](#), da qual sou membro do Conselho Editorial, e [Caros Amigos](#) e me orgulho disso.

Participei, recentemente, da coordenação executiva do [1º Fórum Nacional de TVs Públicas](#), um processo bastante produtivo que resultou no ["Manifesto pela TV Pública Independente e Democrática"](#).

Fonte:

www.savazoni.com.br/?page_id=2

Texto 04

Autobiografia Helena Kolody

Nasci no dia 12 de outubro de 1912, no núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Eram 8 horas da manhã de um dia de sol e geada.

Meus pais eram ucranianos, que se conheceram e casaram no Paraná. Eu sou a primogênita e a 1ª brasileira de minha família.

Miguel Kolody, meu pai, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia Oriental, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, Miguel, no ano seguinte, emigrou para o Brasil com a mãe e os irmãos.

Mamãe, cujo nome de solteira era Victoria Szandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1892. Veio para o Brasil em 1911.

Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. "Seu" Miguel conheceu a jovem Victoria e apaixonou-se por ela. Casaram-se em Janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo da minha história.

Cursei a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomando-me em 1931. Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Escolhi o Magistério levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Ao Magistério, dediquei os melhores anos de minha vida. Lecionei com prazer e entusiasmo. Amei meus alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos. Muitas de minhas melhores amigas de hoje foram minhas alunas. O Magistério e a poesia são as duas asas do meu ideal.

Texto retirado do Livro "Helena Kolody - Sinfonia da vida; Organização: Tereza Hatue de Rezende. Coleção Antologia poética. D.E.L. Editora/Letraviva, Pólo Editorial do Paraná "A transformação que a gente lê. - 1997,

Texto 05

2.1.1 Autobiografia - Jean Piaget

Nasci aos 9 de agosto de 1896 em Neuchâtel, na Suíça. Meu pai, que ainda é um homem ativo, dedicou a maior parte de seus escritos à literatura medieval e, em menor grau, à história de Neuchâtel. É um homem de mente meticulosa e crítica, que detesta generalizações improvisadas apressadamente, e não tem medo de começar uma briga quando encontra a verdade histórica distorcida para obedecer a respeitáveis tradições.

Entre muitas outras coisas, ele me ensinou o valor do trabalho sistemático, mesmo em pequenas coisas.

Minha mãe era muito inteligente, enérgica, fundamentalmente, uma pessoa muito boa. Dotada de um temperamento neurótico, porém, tornou a vida de nossa família um tanto confusa. Uma das conseqüências diretas dessa situação é que abandonei os folguedos muito cedo em troca do trabalho sério. Fiz isso, é claro, tanto para imitar meu pai quanto para me refugiar num mundo privado e ao mesmo tempo não fictício.

(...)

Fonte: PIAGET, Jean. Autobiografia. in EVANS, Richard. Jean Piaget: o homem e suas idéias. Rio de Janeiro: Forense, 1980. Pág. 125-153

Texto 06

Brinquedoteca

Rubem Alves

Vocês, crianças que lêem as minhas histórias, freqüentemente ficam curiosas sobre a minha vida. Eu conto. Eu nasci, faz muito tempo, no dia 15 de setembro de 1933, numa cidade do sul de Minas, Boa Esperança (procurem no mapa). Façam as contas para saber quantos anos tenho agora. Meu pai foi muito rico, perdeu tudo, ficamos pobres, morei numa fazenda velha. Não tinha nem água, nem luz e nem privada dentro de casa. A água, a gente tinha de pegar na mina. A luz era de lamparina a querosene. A privada era uma casinha fora da casa. Casinha do lado de fora. Não precisava de brinquedos. Havia os cavalos, as vacas, as galinhas, os riachinhos, as pescarias. E eu gostava de ficar vendo o monjolo.

Depois mudei para cidades: Lambari, Três Corações, Varginha. Me divertia fazendo meus brinquedos. Brinquedo que a gente compra pronto não tem graça. Enjoa logo. Quantos brinquedos há no seu armário, esquecidos? Fazer o brinquedo é parte da brincadeira. Foi fazendo brinquedos que aprendi a usar as ferramentas, martelo, serrote, alicate. Gostava de andar de carrinho de rolemã. Brincava de soltar papagaio, bolinhas de gude, pião. Fiz um sinuquinha. Se quiser ler a história de como fiz o sinuquinha. Como a gente era pobre nunca tive velocípede ou bicicleta. Ainda hoje não sei andar de bicicleta. Depois nos mudamos para o Rio de Janeiro onde sofri muito. Os meninos cariocas caçoavam de mim por causa do meu sotaque de mineiro da roça. Gostava de ler Gibi e X-9. Nunca fui um bom aluno. Não me interessava pelas coisas que ensinavam nas escolas. Estudei piano porque queria ser pianista. Mas eu não tinha talento. Desisti. Pensei ser engenheiro, médico. Li a biografia de um homem extraordinário, chamado Albert Schweitzer. Ele era filho de um pastor protestante. Pastor é uma espécie de padre das igrejas protestantes. Schweitzer desde menino tocava órgão. Foi um especialista na música de Bach e dava concertos por toda a Europa.

Fui ser pastor porque queria cuidar dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas, porque é daí que surgem nossas ações. Se a gente tem pensamentos bons a gente faz coisas boas. Se tem pensamentos maus faz coisas ruins. Morei e estudei nos Estados Unidos. Voltei para o Brasil. Vim morar em Campinas. Fui ser professor numa universidade. Tenho 3 filhos. O mais velho se chama Sérgio e é médico. O segundo se chama Marcos, é biólogo. E a Raquel, minha última filha, que vai ser arquiteta.

Meu maior brinquedo hoje é escrever. Adoro escrever. Especialmente histórias para crianças. Já escrevi mais de trinta. Todas com ilustrações. Meus dois últimos livros para crianças são O gato que gostava de cenouras e A história dos três porquinhos (A história que normalmente se conta não é a verdadeira. Eu escrevi a verdadeira...) . Para mim cada livro é um brinquedo.

Sou também psicanalista, que é um tipo de médico que cuida dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas. Quando os pensamentos e os sentimentos não são cuidados

eles podem ficar doentes. São várias as doenças que podem atacar os pensamentos e os sentimentos. Aí as pessoas podem ficar mandonas, malvadas, falam sem parar, ou não falam nunca, têm medo de coisas imaginadas, ficam tímidas, não sabem repartir, ficam chatas, etc. A psicanálise existe para ajudar as pessoas a ter sentimentos e pensamentos mansos.

Coisas que me dão alegria: ouvir música, ler, conversar com os amigos, andar nas matas, olhar a natureza, tomar banho de cachoeira, brincar com as minhas netas (Mariana e Camila, filhas do Sérgio; Ana Carolina e Rafaela, filhas do Marcos), armar quebra-cabeças, empinar pipas, cachorros. Fazer os próprios brinquedos e armar quebra-cabeças ajuda a desenvolver a inteligência. Cuidado com os brinquedos comprado prontos: eles podem emburrecer!

Fonte: <http://www.rubemalves.com.br/brinquedoteca.htm>

Texto 07

Patativa do Assaré

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza. Com a idade de doze anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não freqüentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: Brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos, que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam.

Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim.

Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu à minha mãe, para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho.

Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1o. Cartório de Belém. Naquele tempo, José Carvalho estava trabalhando na

publicação de seu livro “O matuto Cearense e o Caboclo do Pará”, o qual tem um capítulo referente a minha pessoa e o motivo da viagem ao Pará. Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei.

De volta do Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação, para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno, que recebendo a carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai. Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua fora do programa da verdadeira democracia.

Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d’olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará.

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA, Patativa do Assaré.

Fonte: <http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare/>

Texto 08

Autobiografia Felipe

Meu nome é Felipe e essa é a minha Autobiografia

Meu Avô materno é um barato! O nome dele é Diniz. Ele vem sempre falando e falando para eu escrever a minha Autobiografia. É claro que ele vai me orientar.

E tudo começa em nosso encontro, num fim de semana. E muito rápido. Com base em perguntas e respostas sobre as minhas atividades, lá fomos nós formando as frases e os parágrafos da minha História. Ele mostrou a definição no dicionário: Autobiografia é a vida de um indivíduo escrita por ele mesmo.

Meu nome completo é Felipe Leite Diniz Pádua, tenho 7 anos, nasci em Brasília, Distrito federal. Eu tenho, também, um irmão de nome Bruno, e nós estudamos no Inei. Estou na primeira série do Ensino Fundamental. Bruno faz o Maternal I, ele tem 2 anos. Na Escola, tenho muitos amigos e fora dali, também. Sou líder de classe, eleito, recentemente. Gosto muito de minha Professora Márcia Rodrigues. Ela é atenciosa, educada e tem muita dedicação por todos nós da turma. Gosto de ler, escrever, desenhar e montar quebra-cabeças.

Meu pai se chama Rogério. Ele trabalha no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, gosta muito de esporte e é formado em Educação Física, e quase sempre está participando das

maratonas da cidade. Também, gosta muito de natação. Ele estuda, e atualmente, está fazendo curso avançado de especialização em inglês na Casa Thomas Jefferson.

Minha mãe se chama Fabíola . Ela é uma pessoa muito amável, graciosa, e de fácil relacionamento. Acho que é por isso que ela tem muitas amizades. É, também, formada em Educação Física e exerce a função de professora na UNICEUB. Já trabalha ali, há mais de 10 anos. Na mesma Universidade onde leciona, ela faz o curso de Fisioterapia.

Meu irmão Bruno só tem 2 aninhos. Eu e ele estudamos na mesma escola, no Inei, como já disse. Nós brincamos muito. Às vezes brigamos, pois ele quer fazer tudo que eu já sei fazer. E não pode, pois sou mais velho do que ele 5 anos. Mas, depois tudo dá certo. Ele termina compreendendo ou fingindo ter compreendido!. Ele parece que vai ser bom nos esportes. Gosta de jogar bola, cantar e dançar. Meu pai já está pensando em matricular Bruno numa escolinha de natação. Ele adora os movimentos na água.

Eu gosto muito de esportes. Faço escolinha de futebol e natação. Quase sempre, participo dos campeonatos dessas modalidades na minha escola. Outras vezes, jogo peladas com meus amigos, meu pai, e às vezes, faço jogadas individuais, com meu Avô Diniz. Com ele, quase sempre, eu ganho nos dribles, mas saímos em empates, nas jogadas individuais em gol.

Mas, a minha família não pára aí. Eu tenho minha Avó materna Fátima que é legal, à beça. Gosto muito de jogar baralho com ela. Às vezes jogamos paciência no computador. Ela é uma pessoa bem agradável. Na casa dela não faltam comidas gostosas e bons lanches. Não tenho viva a minha Avó paterna, pois, já faleceu. Ela se chamava Margarida, e minha mãe, sempre diz, que ela era uma pessoa boa, amável e muito religiosa. Não a conheci em vida.

Meu Avô paterno é Heribaldo e o materno é Diniz. Eles têm muitas coisas em comuns. São aposentados, moram no início da Asa Sul, em Brasília, são religiosos e quase sempre, estão nas missas das 17hs00 na Igreja São Camilo, aos domingos e feriados. E, ainda, ambos têm experiência em trabalhos Vicentinos nas missões religiosas.

A irmã do meu pai, tia Regina é a minha madrinha. Meu tio Diniz Jr, irmão da mamãe, é meu padrinho. Tenho, ainda, as tias, irmãs da minha mãe: Sígria casada com tio Joe , eles moram em San Diego na Califórnia. Tia Carolina Raquel casada com tio Eduardo moram no Sudoeste, em Brasília. Eu gosto muito deles. Eles são alegres, bem educados e sempre fazem a maior festa quando me encontram.

Tenho duas primas Thaís e Mariana. Elas são duas grandes amigas. Thaís tem a minha idade. Ela mora e estuda na cidade de Cuiabá, em Mato Grosso. Quase sempre, quando ela vem a Brasília, nós saímos juntos para passear. Nós nos damos muito bem. Ela gosta muito de desenhar, de usar o computador do Vô Diniz, e ele tem a maior ciúmeira. Mas eu gosto, também. Ele deixa, mas faz sempre mil recomendações para o uso correto desse seu equipamento.

Mariana já tem 15 anos. E estuda na Escola das Nações. Eu me dou muito bem com ela. Muitas vezes, nós saímos juntos, com a família, para as festinhas, cinemas e comemorações dos nossos parentes e amigos. Ela fala muito bem Inglês e gosta das práticas de artes: desenhos, teatro e danças.

Uma pessoa muito especial e de muitos encantos, também, faz parte da minha família: é

minha Tia-Avó Maria Alda . Ela é uma pessoa muito fantástica e graciosa. É irmã da minha Avó paterna Margarida, já falecida. Ela é muito religiosa, simpática, e também, uma pessoa bem agradável. Como é bom conhecer essa Tia-Avó! Todos nós gostamos, imensamente dela. Por isso, está sempre presente nas festinhas de família, um fato que traz muitas alegrias às nossas almas e aos nossos corações.

Aqui está o resumo da minha Autobiografia. Meu Avô Diniz me ajudou a escrevê-la. Como foi dito, foram feitas muitas perguntas e com base nas minhas respostas, fomos montando todo o texto. Levamos várias horas discutindo e fazendo o trabalho no computador. Gostei muito dessa experiência de escrever.

Apreendi demais com esse trabalho e percebi o quanto é bonita a nossa própria História de Vida. Achei interessante a idéia de escrever a minha Autobiografia. Agradeço ao meu Avô Diniz, por tudo isso, que me deixou muito feliz.

Brasília, 24 de outubro de 2003

Fonte: http://seubino.com.br/auto_felipe.html

Texto 09

AutoBiografia - Um pouco de minha história

Meu nome é Felipe Simões Quartero, nasci em 30 de julho de 1981, na cidade de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo.

Aos 5 anos de idade comecei a apresentar algumas dificuldades físicas relacionadas a força muscular. Um ano depois, após inúmeros exames, fui diagnosticado como sendo portador da Distrofia Muscular de Duchenne, deficiência neuromuscular progressiva, na qual as células musculares sofrem um processo degenerativo contínuo.

Apesar das limitações, que foram crescendo com o passar dos anos, continuei vivendo normalmente, sempre estudando, fazendo amigos e curtindo a vida. A deficiência nunca foi motivo para eu desistir de meus objetivos, e penso ser essa atitude a mais importante e decisiva em minha vida.

Aos 11 anos passei a me locomover "sobre rodas" (com o auxílio de cadeira de rodas), uma condição nova para mim, a qual logo me adaptei. Em 1999, aos 17 anos, iniciei o curso superior de Ciências da Computação, me formando quatro anos mais tarde. Atualmente atuo como professor de informática, palestrante e escritor.

Minha biografia não acaba aqui, continua sendo escrita, mas já me rendeu (e segue rendendo) muitas experiências e histórias para contar, agora é hora de compartilhá-las com as pessoas.

Fonte: <http://fesq.sites.uol.com.br/bio.htm>

Texto 10

Zeca Baleiro

Vida

por Zeca Baleiro

Conta a lenda maranhense que certo dia um pescador encontrou uma imagem de São José em alto-mar. Ele então recolheu o santo, voltou para a vila, e lá ergueu uma igreja em seu nome - São José de Ribamar (riba, a parte mais elevada).

A Origem

Lian e Maria, dois comerciantes cristãos, saíram de Homs, na Síria, em 1905, rumo ao Brasil. Aportaram primeiro em Recife, Pernambuco, depois em Arari, interior do Maranhão. Lá, montaram uma loja e se estabeleceram. Tiveram sete filhos, entre eles, Antonio, meu pai.

Conta a lenda que ao serem registrados, o escrivão não conseguia escrever o sobrenome árabe. Então, teria sugerido: 'Que tal Santos?', no que foi totalmente aprovado, para encurtar conversa.

Felinto era um sapateiro violeiro. Casou-se com Hilda, que cantava no coro da igreja. Tiveram quatro filhos, entre os quais Socorro, minha mãe.

O Apelido

Sempre fui um implacável consumidor de doces, balas e toda sorte de guloseimas. Quando ingressei na Universidade, entre uma aula e outra, saboreava minhas balas. Como já era sabido que eu sempre tinha (balas, hein, gente... é bom que se diga!), quando alguém desejava comer uma, vinha a mim. Daí para começarem a me chamar de Baleiro foi um passo. Confesso que, a princípio, aquilo não soava bem aos meus ouvidos.

O tempo passou, e dois anos mais tarde, num ímpeto inexplicável, resolvi abrir uma loja de balas, tortas e doces caseiros, a Fazdocinhá - nome tirado de uma tradicional cantiga de roda. Aí já não importava se eu gostava ou não do meu novo nome.

O Signo

Nasci em 11 de abril de 1966. Sou ariano, do terceiro decanato, com ascendente em Câncer e Lua em Capricórnio. No horóscopo chinês, sou Cavalo de Fogo.

Fonte: www2.uol.com.br/zecabaleiro/